

## ESCALA DE ATITUDE FRENTE À PRÉ-ESCOLA: ELABORAÇÃO E VALIDAÇÃO DA EAPE\*

Mirlene Maria Matias Siqueira\*\*  
Sueli Aparecida Freire\*\*  
Tânia Mendonça Marques\*\*  
Tereza Yoshico Tanizaki de Miranda\*\*

### I – INTRODUÇÃO

Um dos principais desafios feitos aos cientistas é a criação de instrumentos e/ou procedimentos capazes de mensurar, de maneira inequívoca, um dado fenômeno. De modo geral, as medidas são os meios que permitem aos pesquisadores quantificar, estabelecer relações e formular teorias a respeito de variáveis dentro de um dado campo de conhecimento.

Tradicionalmente coube aos teóricos da Psicologia Social o estudo mais sistematizado acerca das atitudes no que se refere à sua conceituação (Rodrigues, 1981; Triandis, 1971; Kreck e Crutchfield, 1948; Allport, 1935; Murphy, Murphy e Newcomb, 1935), às suas funções psicológicas (McGuire, 1969; Katz, 1960), aos seus processos de mudança (Rosenberg, 1960; Deutsch e Collins, 1951), aos seus componentes (Rajecki, 1982; Bem, 1973;

Fishbein, 1966 e 1965), aos seus procedimentos de medida (Osgood, Suci e Tannenbaum, 1957; Likert, 1932; Thurstone, 1928) e às suas relações com o comportamento humano (Bentler e Speckart, 1981; Abelson, 1972; Leventhal, Singer e Jones, 1965; La Pière, 1934).

Embora a literatura sobre atitudes seja uma das mais extensas em Psicologia, observam-se duas tendências predominantes entre os teóricos acerca da sua conceituação. Alguns partilham a concepção de que a atitude é um conceito unidimensional (Fishbein, 1967; Likert, 1932; Thurstone, 1928) na medida em que a consideram como um afeto pró ou contra um determinado objeto social (dentre outros, pessoas, grupos, instituições sociais, políticas governamentais). Outros estudiosos defendem o ponto de vista tridimensional, ou seja, entendem que a atitude é composta de um conjunto or-

\* Trabalho coordenado pela Prof.<sup>a</sup> Mirlene Maria Matias Siqueira e apresentado durante o VI Seminário de Educação Pré-Escolar e Séries Iniciais de 1º Grau, realizado em Uberlândia-MG, em setembro de 1988, sob o título de "Construção e Validação de uma escala de atitudes frente à pré-escola".

\*\* Professoras do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. (Endereço das autoras: Av. Pará, 1700 – Jardim Umuarama – 38.400 – Uberlândia/MG).

ganizado de cognições, afetos e tendências para agir em relação a um dado objeto social (Rodrigues, 1981).

No campo de mensuração das atitudes têm sido empregados procedimentos diversos envolvendo ou uma questão direta, ou escalas compostas de fases com conotações favoráveis e desfavoráveis sobre o objeto das atitudes, ou medidas fisiológicas e, até mesmo, técnicas projetivas (Nunnally, 1970).

Sabe-se que a técnica mais amplamente aceita entre os pesquisadores na mensuração de atitudes são as diversas modalidades de escalas. Estas incluem o método dos intervalos simétricos desenvolvido por Thurstone (1928), aquele planejado por Likert (1932), o diferencial semântico de Osgood (Osgood, Suci e Tannenbaum, 1957) e a escala de distância social elaborada por Bogardus (1925). O volume de escalas construídas é tão extenso que permitiu a Robinson e colaboradores (1973, 1969 e 1968) organizar uma coletânea onde os interessados poderão encontrar instrumentos concernentes aos mais diversos objetos atitudinais.

Outro ponto relativo às atitudes que tem gerado inúmeros estudos e divergência entre os pesquisadores refere-se à sua relação com o comportamento humano. Já foi observado por Bentler e Spekart (1981) que investigadores altamente respeitados têm tomado 4 diferentes posições concernentes à relação entre atitude e comportamento, a saber: atitudes causam comportamento (McGuire, 1976); comportamentos causam atitudes (Bem, 1972);

atitudes e comportamentos influenciam-se mutuamente (Kelman, 1974) e atitudes e comportamentos estão estreitamente relacionados entre si (Wicker, 1969) ficando, portanto, claramente evidenciada uma controvérsia a respeito dessa questão. Mesmo assim, é amplamente aceita em Psicologia a existência de relação entre estas duas variáveis.

A importância atribuída às atitudes para a compreensão do comportamento humano bem como a vasta literatura disponível sobre este assunto conseguiram influenciar e motivar muitos autores brasileiros, levando-os a desenvolver estudos focalizando as atitudes em relação a uma multiplicidade de temas: frente ao doente mental (Nogueira, 1986 e 1983); à saúde (Pereira, 1985); à matemática (Neto e Neto, 1984); à disciplina de laboratório de física geral (Silveira e Gasparin, 1984) e ao futuro pessoal e da humanidade (Nascimento, 1980).

Entretanto, não existe divulgação ampla, até o presente momento, sobre alguma escala construída com o propósito específico de mensurar a atitude dos professores frente à pré-escola. Assim, sendo, fica mais difícil levantar o que pensam e sentem um grande número destes profissionais. Por outro lado, acredita-se que este grupo de pessoas atua e possivelmente transfere, para suas atividades diárias de educador, um conjunto de cognições, predisposições e afetos relativos à pré-escola.

Com base no pressuposto acima, ou seja, de possível relação entre a atitude do professor e sua efetiva atuação

na pré-escola, procurou-se através deste estudo elaborar e validar um instrumento de mensuração atitudinal, a partir de uma visão tridimensional da atitude, que abarcasse os seus componentes cognitivo, conativo e afetivo.

## II – MÉTODO

### 2.1 – Construção da Escala de Atitude frente à Pré-Escola (EAPE)

Visando abarcar as três dimensões mais freqüentemente citadas na literatura psicológica como integrantes das atitudes, os itens da EAPE foram elaborados de tal forma que de um total de 91 itens, 57 (62,64%) representavam a dimensão cognitiva, 19 (20,88%) a conativa e 15 (16,48%) a afetiva.

#### 2.1.1 – A Dimensão Cognitiva da EAPE

Os itens especialmente elaborados para representar a dimensão cognitiva incluem, em sua grande maioria, crenças relativas às funções da pré-escola. A inclusão deste conteúdo na escala deve-se ao fato de que existe uma ampla discussão e controvérsia a respeito de suas funções (Souza, 1981). Tradicionalmente, tem-se atribuído à pré-escola as seguintes funções:

- assistencialista, cujo objetivo é a guarda e proteção da criança, especialmente em relação à higiene, alimentação e segurança;
- compensatória, visando suprir as deficiências do meio ambiente da criança;
- estimuladora do desenvolvi-

mento global da criança – a proposta é oferecer à criança uma variedade de experiências concretas, de acordo com as suas necessidades;

- facilitadora do êxito acadêmico – a meta primordial é preparar a criança para a escola elementar.

Além das funções acima descritas, os itens de conteúdo cognitivo avaliam a função socializadora da pré-escola, ou seja, o seu papel de integrar a criança às normas da sociedade. Adicionalmente, foram elaboradas frases abarcando a pré-escola como fonte de reconhecimento e crescimento profissional para os professores, as exigências de trabalho feitas ao seu corpo docente e as interdependências existentes entre a família e a escola.

#### 2.1.2 – A dimensão Conativa da EAPE

As dezenove afirmações criadas com o intuito de levar os sujeitos a expressarem suas respostas frente ao componente conativo em relação à pré-escola envolvem: a avaliação das intenções dos professores em realizar investimentos e divulgações; o incentivo e apoio a terceiros, bem como o aperfeiçoamento profissional na pré-escola.

#### 2.1.3 – A Dimensão Afetiva da EAPE

Para a dimensão afetiva da atitude frente à pré-escola, 15 frases serviram como estímulos aos respondentes para expressarem sentimentos ora positivos, tais como gratificação, felicidade, satisfação, agrado, entusiasmo, in-

teresse, prazer, alegria e contentamento, ora negativos, como irritação, comersação, tédio, chateação, desilusão e tristeza.

O Quadro 1 apresenta um resumo do dimensionamento atitudinal e

semântico dos itens que compuseram o instrumento inicial deste estudo.

Para possibilitar aos sujeitos a indicação de suas respostas atitudinais os

### QUADRO 1

#### AS DIMENSÕES TEÓRICAS DA VARIÁVEL ATITUDE E O CONTEÚDO SEMÂNTICO DOS ITENS

DIMENSÕES ATITUDINAIS	CONTEÚDO SEMÂNTICO DOS ITENS	SUB-TOTAL
COGNITIVA	– Funções da pré-escola:	
	- Assistencialista	10
	- Compensatória	02
	- Facilitadora	06
	- Estimuladora	09
	- Socializadora	10
	- Nenhuma função	06
– Fonte de satisfação e crescimento profissional	06	
– Exigências do Trabalho pré-escolar ao corpo docente	03	
– Interdependências entre família e a pré-escola	05	
CONATIVA	– Intenções dos docentes em:	
	- Realizar investimentos na pré-escola	08
	- Divulgar a pré-escola	02
	- Incentivar e apoiar terceiros interessados na pré-escola	05
- Aperfeiçoar-se para a pré-escola	04	
AFETIVA	– Sentimentos positivos	09
	– Sentimentos negativos	06
	TOTAL	91

itens foram seguidos de escalas de 5 pontos, tipo Likert, tendo como ponto máximo "concordo totalmente"(5), ponto neutro "em dúvida"(3) e ponto mínimo "discordo totalmente"(1).

O instrumento inicial, com 7 páginas, continha a parte instrucional, os itens e suas respectivas escalas e uma parte final solicitando aos sujeitos os seus dados pessoais.

## 2.2 – Análise Semântica dos Itens

A semântica dos itens, ou seja, a compreensão de seu conteúdo por parte dos sujeitos, foi checada através de entrevistas com dez professores de pré-escola aos quais era solicitado que expressassem o significado de cada frase que lhes era apresentada. 22% do total dos itens apresentavam divergência de compreensão entre as pessoas e foram reformulados. Os resultados desta análise não alteraram o número inicial de itens, permanecendo o instrumento com 91 afirmações.

## 2.3 – Amostra

Participaram deste estudo 107 sujeitos, professores de pré-escola, sendo 55 pertencentes à rede pública e 52 às escolas particulares de Uberlândia – MG. Todos os sujeitos eram do sexo feminino, com idade média de 31 anos, nível de instrução variando de primeiro grau completo a superior completo e tempo médio de atuação na pré-escola de 8 anos e 3 meses.

## 2.4 – Aplicação do Instrumento

As escalas foram distribuídas aos sujeitos no próprio local de trabalho, tendo sido feita aos mesmos a solicitação de darem suas respostas individualmente, após terem lido cuidadosamente as instruções contidas nos formulários.

## 2.5 – Análise e Procedimentos

As respostas dos sujeitos dadas ao 91 itens do questionário inicial foram submetidas à análise fatorial dos componentes principais, com rotação oblíqua e delta igual a zero (Harman, 1967).

Para a retenção de fatores e itens utilizaram-se os seguintes critérios organizados por Pasquali (1984):

- 1) pureza das cargas fatoriais. Um item apresenta pureza fatorial se possui carga importante de mesmo sinal em um só fator; caso contrário, seria eliminado;
- 2) carga fatorial importante. Foi considerada importante uma carga fatorial de um item quando seu valor atingisse ao menos 0,40, positivo ou negativo. Tal valor implica numa comunalidade de variância entre item e fator de 16%;
- 3) carga fatorial importante em um fator importante. Considerou-se relevante um fator se ele correspondesse a um "eigenvalue" de pelo menos 1,50;

4) carga fatorial importante de ao menos três itens no fator. O fator para ser retido deveria conter a presença de ao menos três itens com cargas importantes;

5) interpretação psicológica do fator. O fator cujo conteúdo não permitisse uma interpretação psicológica satisfatória seria excluído, pois não possibilitaria ser trabalhado de um ponto de vista semântico;

6) homogeneidade do item. Itens que apresentassem um desvio padrão

igual ou superior à sua média seriam eliminados por produzirem demasiada dispersão.

### III – RESULTADOS

#### 3.1 – Análise Fatorial

Os resultados da análise fatorial apontaram a existência de 7 fatores com "eigenvalue" maior do que 1,50, os quais explicam 53,70% da variância total do conjunto de 91 itens (Tabela 1).

**Tabela 1 – Os Fatores e a Variância Total que Explicam**

Fatores	Eigenvalue	% Variância	% Variância Acumulada
1*	8,97	19,50	19,50
2*	4,34	9,40	29,00
3*	3,06	6,70	35,60
4*	2,70	5,90	41,50
5	2,06	4,50	46,00
6*	1,89	4,10	50,10
7	1,63	3,60	53,70

\* Fatores retidos após rotação

Dentre os 7 fatores que atenderam ao valor pré-estipulado de 1,50 para o "eigenvalue", apenas 5 satisfizeram também os demais critérios anteriormente estabelecidos. No que se refere aos itens, o conjunto inicial foi reduzido a 33 afirmações.

#### 3.2 – Interpretação dos Fatores

A atitude dos professores frente à pré-escola está representada neste instrumento através de cinco dimensões com conteúdos psicológicos distintos conforme demonstrado nas tabelas a seguir.

**Fator 1 – Agente Facilitador**

O fator revela o papel facilitador da pré-escola no que se refere ao desenvolvimento infantil na medida em que através dela a criança é socializada, torna-se mais alegre e feliz, tem sua iniciativa e criatividade estimuladas, ao mesmo tempo em que é preparada para

ser, no futuro, pessoa inovadora, socialmente adaptada e produtiva. Como agente facilitador a pré-escola não poderia deixar de manter contatos com os pais, quer dando-lhes informações sobre o desenvolvimento dos filhos, quer oportunizando a eles a troca de experiências sobre a educação da criança (Tabela 2).

**Tabela 2 – Carga Fatorial, Média e Desvio Padrão dos Itens do Fator 1**

<b>Nº do ITEM</b>	<b>DESCRIÇÃO</b>	<b>Carga</b>	<b>Média</b>	<b>DP</b>
19	A pré-escola socializa a criança	0,78	4,62	0,65
13	A pré-escola torna a criança mais alegre e feliz	0,74	4,11	1,04
15	A pré-escola estimula a iniciativa da criança	0,74	4,67	0,66
12	A pré-escola promove o desenvolvimento harmônico da criança	0,73	4,18	1,01
07	A pré-escola prepara a criança para vir a ser uma pessoa inovadora	0,67	4,00	0,93
06	A pré-escola estimula a criatividade da criança	0,62	4,61	0,77
14	A pré-escola prepara a criança para vir a ser uma pessoa socialmente adaptada	0,57	4,07	1,04
18	A pré-escola oferece aos pais informações acerca do desenvolvimento da criança	0,51	4,32	1,06
10	A pré-escola prepara a criança para vir a ser uma pessoa socialmente produtiva	0,48	4,03	1,03
16	A pré-escola propicia aos pais maior produtividade de troca de experiências	0,45	3,69	1,27

**Fator 2 – Fonte de Satisfação Profissional**

O conteúdo semântico dos itens agregados no Fator 2 estão associados

ao sentimento pessoal do professor frente ao trabalho que realiza na pré-escola. Neste sentido, as frases apontam para sensações de prazer, contentamento, entusiasmo, gratificação e fe-

licidade obtidas nas atividades diárias de educador, como também revelam intenções positivas deste profissional

no sentido de incentivar os pais a se envolverem mais com a instituição (Tabela 3).

**Tabela 3 – Carga Fatorial, Média e Desvio Padrão dos Itens do Fator 2**

Nº do ITEM	DESCRIÇÃO	Carga	Média	DP
31	Tenho prazer em dedicar meu tempo à pré-escola	0,83	4,85	0,54
33	Fico contente quando alguém se interessa pelos problemas da pré-escola	0,80	4,92	0,35
28	Tenho grande entusiasmo com a pré-escola	0,77	4,83	0,62
26	Sinto-me feliz por ser um profissional da pré-escola	0,63	4,77	0,63
27	Agrada-me lidar com criança na idade pré-escolar	0,59	4,85	0,58
21	Eu incentivaria os pais a participarem das reuniões do pré-escolar	0,57	4,94	0,33
25	Sinto-me gratificado(a) com o meu trabalho na pré-escola	0,51	4,67	0,84

**Fator 3 – Garantias da Pré-Escola**

Através deste fator a pré-escola é caracterizada como uma instituição responsável e capaz de assegurar ao alu-

no uma formação social adequada, ao professor um ambiente saudável de trabalho e, aos pais, segurança quanto à educação da criança (Tabela 4).

**Tabela 4 – Carga Fatorial, Média e Desvio Padrão dos Itens do Fator 3**

Nº do ITEM	DESCRIÇÃO	Carga	Média	DP
02	A pré-escola garante que a criança tenha menos problemas de comportamento durante o 1º grau	0,70	3,55	1,40
03	A pré-escola garante que a criança tenha seu tempo ocupado com atividades úteis	0,69	4,32	1,11
05	A pré-escola garante um ambiente de cooperação entre os professores	0,67	3,80	1,17
04	A pré-escola garante o crescimento profissional dos professores	0,65	3,75	1,20

11	A pré-escola garante ao professor o reconhecimento pelas famílias das crianças	0,63	3,44	1,15
09	A pré-escola garante a tranquilidade dos pais em relação à criança	0,63	3,57	1,32
01	A pré-escola prepara a criança para vir a ser uma pessoa que não causa problemas à sociedade	0,57	3,10	1,32
08	A pré-escola garante a boa alimentação da criança	0,56	2,73	1,33
17	A pré-escola satisfaz as curiosidades da criança em relação à sexualidade	0,44	2,85	1,36

#### Fator 4 – Intenções do Professor

A semântica dos itens deste fator está intimamente relacionada aos propósitos do professor frente à pré-escola, visto que incluem desejos, vontades

ou planos dos docentes de escrever, ler, assistir programas e divulgar informações, desde que todas estas atividades estejam associadas a temas sobre a pré-escola (Tabela 5).

Tabela 5 – Carga Fatorial, Média e Desvio Padrão dos Itens do Fator 4

Nº do ITEM	DESCRIÇÃO	Carga	Média	DP
22	Eu escreveria artigos sobre as funções da pré-escola	0,77	4,29	1,11
24	Eu leria artigos e reportagens em jornais e revistas sobre a pré-escola	0,76	4,77	0,58
23	Eu assistiria a programas divulgados pela TV sobre a pré-escola	0,74	4,55	0,90
20	Se necessário, eu divulgaria junto à população informações a respeito da pré-escola	0,58	4,50	0,95

#### Fator 5 – Sentimentos Negativos

Este fator abarca os afetos com conotação negativa em relação à pré-

escola, demonstrados pelos sujeitos através de sentimentos de desilusão, tristeza e aborrecimento (Tabela 6).

**Tabela 6 – Carga Fatorial, Média e Desvio Padrão dos Itens do Fator 5**

Nº do ITEM	DESCRIÇÃO	Carga	Média	DP
30	Estou desiludido com a pré-escola	-0,70	4,43	1,18
32	Fico triste com os objetivos estabelecidos para a pré-escola	-0,67	3,67	1,51
29	Estou chateado(a) com a criação da pré-escola	-0,65	4,62	1,05

### 3.3 – Precisão da EAPE

Por intermédio de coeficiente Alfa de Cronbach\*foi calculada a preci-

são das escalas cujo resultado, apesar do número limitado de itens em cada fator, pode ser considerada satisfatória (Tabela 7).

**Tabela 7 – Precisão dos Fatores da EAPE**

Fatores	1	2	3	4	5
$r_{tt}$	0,84	0,79	0,82	0,72	0,60
Nº DE ITENS	10	7	9	4	3

### 3.4 – Utilização da EAPE

Sendo a EAPE um instrumento fatorial, ele permite que a atitude frente à pré-escola seja avaliada através de um conjunto de cinco escores, e não através de um escore único. Desta forma, fica assegurada a representação tridimensional do conceito de atitude que está refletida na escala através dos fatores 1 e 3 (dimensão cognitiva), fator 4 (dimensão conativa) e os fatores 2 e 5 (dimensão afetiva).

### 3.5 – Aplicação da EAPE

É possível recorrer a duas maneiras distintas de se aplicar a EAPE: individual ou coletivamente. Na medida em que o instrumento contém instruções bem pormenorizadas, ele dispensa a presença de um aplicador, tornando-se auto-aplicável. Deve-se ressaltar, contudo, que as instruções elaboradas pelos pesquisadores devem ser mantidas, assim como também a configuração das escalas (Anexo 1).

### 3.6 – Apuração da EAPE

As respostas de cada sujeito deverão ser transformadas em cinco escores fatoriais, obtidos individualmente através da seguinte fórmula:

$$\bar{x}_{f1} = \frac{S_1}{n_1}$$

onde:

$\bar{x}_{f1}$  = média fatorial ou escore médio do fator 1

$S_1$  = soma dos pontos dados aos itens do fator 1

$n_1$  = número de itens do fator 1

### 3.7 – Interpretação da EAPE

Considerando-se que os 5 fatores são unipolares, sendo quatro com sentido positivo (Fatores 1, 2, 3 e 4) e um com sentido negativo (Fator 5), a interpretação do escore deste último fator deve ser feita tendo-se o cuidado de considerar escores de valores baixos, com significado de afetividade positiva frente à pré-escola e escores de valores mais elevados tendo significado de afetividade negativa. Esta orientação não deve ser aplicada aos demais fatores devido ao seu direcionamento positivo.

## IV – DISCUSSÃO E CONCLUSÃO

Os cuidados metodológicos aplicados durante a construção da escala e as análises apresentadas sobre os itens e os fatores integrantes da EAPE permitem indicá-la como um instrumento

fatorial válido de mensuração das atitudes dos professores frente à pré-escola. Deve-se ressaltar que o conceito tridimensional da atitude foi sustentado pelas análises, uma vez que apareceram fatores relativos às dimensões cognitivas (fatores 1 e 3), conativa (fator 4) e afetiva (fatores 2 e 5).

Observa-se ainda que nenhum dos fatores retidos no instrumento final refere-se isoladamente a uma das funções tradicionalmente atribuídas à pré-escola, quais sejam: assistencialista, compensatória, estimuladora do desenvolvimento global e facilitadora do êxito acadêmico.

Por outro lado, este estudo permitiu detectar um novo conteúdo relacionado às funções da pré-escola e representado pelo fator 3. Ele expressa a preocupação dos docentes com as garantias que a pré-escola teria a oferecer às crianças, aos seus professores e aos pais dos alunos.

Para a criança, a pré-escola deveria estar apta a oferecer condições de adequação comportamental, de otimização de uso do tempo, de preparo para o futuro, de alimentação adequada e de satisfação de suas curiosidades naturais referentes à sexualidade.

Quanto aos docentes, ela deveria garantir um ambiente de cooperação, crescimento profissional e reconhecimento.

Em relação aos pais dos alunos, a pré-escola deveria ser capaz de assegurar tranquilidade generalizada a respeito de seus filhos.

Os autores desse trabalho gostariam de ressaltar a necessidade de realização de novos estudos que viessem aperfeiçoar o instrumento, ou seja, que verificassem a consistência da sua estrutura fatorial a partir de aplicações em outras amostras de professores de pré-escola. Esclarecem ainda que os dados obtidos de sua aplicação não deveriam ser usados como diagnóstico do comportamento do professor, visto que não foi realizada nenhuma análise relacionando os escores atitudinais obtidos através da EAPE com qualquer critério comportamental. De modo geral, a interpretação dos dados da EAPE, bem como a utilização de seus resultados dentro do contexto educacional, deveriam ser orientadas por profissionais experientes, familiarizados e autorizados a utilizarem instrumentos psicológicos.

## ANEXO 1

### INSTRUÇÕES

Estamos interessados em saber como você se sente e pensa em relação a cada um dos itens abaixo, enquanto professor de pré-escola.

Assim, leia cada frase com atenção e indique para cada uma delas a sua reação espontânea. Para isso, você deverá dar à cada frase um valor, que vai de 1 a 5. Quanto mais você concordar com aquilo que está expresso na frase, maior será o número que deverá dar à mesma.

Os números indicam:

- 1 – discordo totalmente
- 2 – discordo em parte
- 3 – estou em dúvida
- 4 – concordo em parte
- 5 – concordo totalmente

Responda a todos os itens, circulando apenas um número para cada frase. Não existem respostas certas ou erradas. O importante é você responder sinceramente.

	Disc. totalmente	Disc. em parte	Estou em dúvida	Conc. em parte	Conc. totalmente
01 – A pré-escola prepara a criança para vir a ser uma pessoa que não causa problemas à sociedade.	1,	2,	3,	4,	5
02 – A pré-escola garante que a criança tenha menos problemas de comportamento durante o 1º grau.	1,	2,	3,	4,	5
03 – A pré-escola garante que a criança tenha seu tempo ocupado com atividades úteis.	1,	2,	3,	4,	5
04 – A pré-escola garante o crescimento profissional dos professores.	1,	2,	3,	4,	5

05	— A pré-escola garante um ambiente de cooperação entre os professores.	1,	2,	3,	4,	5
06	— A pré-escola estimula a criatividade da criança.	1,	2,	3,	4,	5
07	— A pré-escola prepara a criança para vir a ser uma pessoa inovadora.	1,	2,	3,	4,	5
08	— A pré-escola garante a boa alimentação da criança.	1,	2,	3,	4,	5
09	— A pré-escola garante a tranquilidade dos pais em relação à criança.	1,	2,	3,	4,	5
10	— A pré-escola prepara a criança para vir a ser uma pessoa socialmente produtiva.	1,	2,	3,	4,	5
11	— A pré-escola garante ao professor o reconhecimento pelas famílias das crianças.	1,	2,	3,	4,	5
12	— A pré-escola promove o desenvolvimento harmônico da criança.	1,	2,	3,	4,	5
13	— A pré-escola torna a criança mais alegre e feliz.	1,	2,	3,	4,	5
14	— A pré-escola prepara a criança para vir a ser uma pessoa socialmente adaptada.	1,	2,	3,	4,	5
15	— A pré-escola estimula a iniciativa da criança.	1,	2,	3,	4,	5
16	— A pré-escola propicia aos pais maior oportunidade de troca de experiências.	1,	2,	3,	4,	5
17	— A pré-escola satisfaz as curiosidades da criança em relação à sexualidade.	1,	2,	3,	4,	5
18	— A pré-escola oferece aos pais informações acerca do desenvolvimento da criança.	1,	2,	3,	4,	5
19	— A pré-escola socializa a criança.	1,	2,	3,	4,	5
20	— Se necessário, eu divulgaria, junto à população, informações a respeito da pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
21	— Eu incentivaria os pais a participarem das reuniões do pré-escolar.	1,	2,	3,	4,	5

22 – Eu escreveria artigos sobre as funções da pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
23 – Eu assistiria a programas divulgados pela TV sobre a pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
24 – Eu leria artigos e reportagens em jornais e revistas sobre a pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
25 – Sinto-me gratificado(a) com o meu trabalho na pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
26 – Sinto-me feliz por ser um profissional da pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
27 – Agrada-me lidar com crianças na idade pré-escolar.	1,	2,	3,	4,	5
28 – Tenho grande entusiasmo com a pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
29 – Estou chateado(a) com a criação da pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
30 – Estou desiludido(a) com a pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
31 – Tenho prazer em dedicar meu tempo à pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
32 – Fico triste com os objetivos estabelecidos para a pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5
33 – Fico contente quando alguém se interessa pelos problemas da pré-escola.	1,	2,	3,	4,	5

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABELSON, R. (1972). Are attitudes necessary? In King, B.T. e McGinnies, E. (orgs.), *Attitudes, Conflict and Social Change*, New York: Academic Press, 17-147.
- ALLPORT, G.W. (1935). Attitudes. In Murchison, C. (Ed.), *A Handbook of Social Psychology*, Worcester, Mass.: Clark University Press, 798-844.
- BEM, D.J. (1972). Self-perception theory, In L. Berkowitz (Ed.). *Advances in Experimental Social Psychology*, (Vol. 6). New York: Academic Press.
- BEM, D.J. (1973). *Convicções, Atitudes e Assuntos Humanos*. São Paulo: EPU.
- BENTLER, P.M. e SPECKART, G. (1981). Attitudes "Cause" behaviors: a

- structural equation analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40 (2): 226-238.
- BOGARDUS, E.S. (1925). Measuring social distances. *Journal of Applied Sociology*, 9: 299-308.
- DEUTSCH, M. e COLLINS, M.E. (1951). *Interracial Housing*, Minneapolis: The University of Minnesota Press.
- FISHBEIN, M. (1965). A consideration of beliefs, attitudes, and their relationships. In Steiner, I.D. e Fishbein, M. (Eds.), *Current Studies in Social Psychology*, New York: Holt, Rinechart e Winston, 107-120.
- \_\_\_\_\_. (1966). The relationship between beliefs, attitudes and behavior. In Feldman, S., *Cognitive Consistency*, New York: Academic Press.
- \_\_\_\_\_. (1967). Attitude and the prediction of behavior. In Fishbein, M. (Ed.), *Readings in Attitude Theory and Measurement*, New York: John Wiley & Sons.
- HARMAN, H.H. (1967). *Modern Factor Analysis*. Chicago, 111.: University of Chicago Press.
- KATZ, D. (1960). The functional approach to the study of attitudes. *Public Opinion Quarterly*, 24: 163-204
- KELMAN, H.C. (1979). Attitudes are alive and well and gainfully employed in the sphere of action. *American Psychologist*, 29: 310-324.
- KRECH, D. e CRUTCHFIELD, R.S. (1948). *Theory and Problems of Social Psychology*, New York: McGraw-Hill.
- LA PIÈRE, R. P. (1934). Attitudes vs. action. *Social Forces*, 13: 230-237.
- LEVENTHAL, H., SINGER, R. e JONES, S. (1965). Effects of fear and specificity of recommendation upon attitudes and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2: 20-29.
- LIKERT, R. (1932). A technique for the measurement of attitudes. *Archives of Psychology*, nº 140: 39.
- McGUIRE, W.J. (1969). The nature of attitudes and attitude change. In G. Lindzey e E. Aronson (Eds.), *The Handbook of Social Psychology*, 2ª ed. (Vol. 3). Reading, MA: Addison-Wesley.

- McGUIRE, W.J. (1976). The concept of attitudes and their relation to behaviors. In H.W. Sinaiko e L.A. Broedling (Eds.), *Perspectives on Attitude Assessment: Surveys and their Alternatives*. Champaign, Ill.: Pendleton.
- MURPHY, G., MURPHY, L.B. e NEWCOMB, T.M. (1935). *Experimental Social Psychology*. New York: Harper & Row.
- NASCIMENTO, R.S.G.F. (1980). Atitudes e Valores de Adolescentes da cidade de São Paulo: um estudo com alunos do 2º grau. *Cadernos PUC*, 4: 81-114.
- NETO, O.L.C. e NETO, J.A.S. (1984). Comparação das atitudes de alunos de 5ª série frente à matemática, com professores de matemática, de sexos e controles diferentes. *Revista de Psicologia*, 2(1): 57-62.
- NOGUEIRA, A.M.P. (1986). Atitudes frente ao doente mental: o conhecimento da abordagem sócio-cultural da doença mental como fator promotor de atitudes positivas. *Revista de Psicologia*, 4(1): 25-50.
- \_\_\_\_\_. (1983). Atitudes frente ao doente mental: um estudo da influência do nível de comportamentos sintomáticos e do sexo de pacientes psiquiátricos sobre as atitudes de seus familiares. *Revista de Psicologia*, 1(1): 25-49.
- NUNNALLY, J.C. (1970). *Introducción a la Medicion Psicologica*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- OSGOOD, C.L., SUCI, G.J. e TANNENBAUM. (1957). *The Measuring of Meaning*. Urbana: The University of Illinois Press.
- PASQUALI, L. (1984). Questionário de avaliação de docência (QAD). *Educação e Seleção*, 9: 71-98.
- PEREIRA, C.A.A. e TERRA, A.R. (1985). Atitude de pacientes hipertensos frente à Saúde, Tratamento e Doença. *Revista de Psicologia*, 3(2): 49-63.
- RAJECKI, D.W. (1982). *Attitudes, Themes and Advances*. Sunderland: Sinauer Associates, Inc.
- ROBINSON, J.P., ATHANASIOU, R. e HEAD, K.B. (1968). *Measures of Occupational Attitudes and Occupational Characteristics*. Ann Arbor: Institute for Social Research.
- ROBINSON, J.P. e SCHAVER, P.R. (1969). *Measures of Social Psychological Attitudes*. Ann Arbor: Institute for Social Research.
- ROBINSON, J.P. e SCHAVER, P.R. (1973). *Measures of Social Psychological*

structural equation analysis. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40 (2): 226-238.

BOGARDUS, E.S. (1925). Measuring social distances. *Journal of Applied Sociology*, 9: 299-308.

DEUTSCH, M. e COLLINS, M.E. (1951). *Interracial Housing*, Minneapolis: The University of Minnesota Press.

FISHBEIN, M. (1965). A consideration of beliefs, attitudes, and their relationships. In Steiner, I.D. e Fishbein, M. (Eds.), *Current Studies in Social Psychology*, New York: Holt, Rinehart e Winston, 107-120.

\_\_\_\_\_. (1966). The relationship between beliefs, attitudes and behavior. In Feldman, S., *Cognitive Consistency*, New York: Academic Press.

\_\_\_\_\_. (1967). Attitude and the prediction of behavior. In Fishbein, M. (Ed.), *Readings in Attitude Theory and Measurement*, New York: John Wiley & Sons.

HARMAN, H.H. (1967). *Modern Factor Analysis*. Chicago, 111.: University of Chicago Press.

KATZ, D. (1960). The functional approach to the study of attitudes. *Public Opinion Quarterly*, 24: 163-204

KELMAN, H.C. (1979). Attitudes are alive and well and gainfully employed in the sphere of action. *American Psychologist*, 29: 310-324.

KRECH, D. e CRUTCHFIELD, R.S. (1948). *Theory and Problems of Social Psychology*, New York: McGraw-Hill.

LA PIÈRE, R. P. (1934). Attitudes vs. action. *Social Forces*, 13: 230-237.

LEVENTHAL, H., SINGER, R. e JONES, S. (1965). Effects of fear and specificity of recommendation upon attitudes and behavior. *Journal of Personality and Social Psychology*, 2: 20-29.

LIKERT, R. (1932). A technique for the measurement of attitudes. *Archives of Psychology*, nº 140: 39.

McGUIRE, W.J. (1969). The nature of attitudes and attitude change. In G. Lindzey e E. Aronson (Eds.), *The Handbook of Social Psychology*, 2ª ed. (Vol. 3). Reading, MA: Addison-Wesley.

- McGUIRE, W.J. (1976). The concept of attitudes and their relation to behaviors. In H.W. Sinaiko e L.A. Broedling (Eds.), *Perspectives on Attitude Assessment: Surveys and their Alternatives*. Champaign, Ill.: Pendleton.
- MURPHY, G., MURPHY, L.B. e NEWCOMB, T.M. (1935). *Experimental Social Psychology*. New York: Harper & Row.
- NASCIMENTO, R.S.G.F. (1980). Atitudes e Valores de Adolescentes da cidade de São Paulo: um estudo com alunos do 2º grau. *Cadernos PUC*, 4: 81-114.
- NETO, O.L.C. e NETO, J.A.S. (1984). Comparação das atitudes de alunos de 5ª série frente à matemática, com professores de matemática, de sexos e controles diferentes. *Revista de Psicologia*, 2(1): 57-62.
- NOGUEIRA, A.M.P. (1986). Atitudes frente ao doente mental: o conhecimento da abordagem sócio-cultural da doença mental como fator promotor de atitudes positivas. *Revista de Psicologia*, 4(1): 25-50.
- \_\_\_\_\_. (1983). Atitudes frente ao doente mental: um estudo da influência do nível de comportamentos sintomáticos e do sexo de pacientes psiquiátricos sobre as atitudes de seus familiares. *Revista de Psicologia*, 1(1): 25-49.
- NUNNALLY, J.C. (1970). *Introducción a la Medicion Psicologica*. Buenos Aires: Editorial Paidós.
- OSGOOD, C.L., SUCI, G.J. e TANNENBAUM. (1957). *The Measuring of Meaning*. Urbana: The University of Illinois Press.
- PASQUALI, L. (1984). Questionário de avaliação de docência (QAD). *Educação e Seleção*, 9: 71-98.
- PEREIRA, C.A.A. e TERRA, A.R. (1985). Atitude de pacientes hipertensos frente à Saúde, Tratamento e Doença. *Revista de Psicologia*, 3(2): 49-63.
- RAJECKI, D.W. (1982). *Attitudes, Themes and Advances*. Sunderland: Sinauer Associates, Inc.
- ROBINSON, J.P., ATHANASIOU, R. e HEAD, K.B. (1968). *Measures of Occupational Attitudes and Occupational Characteristics*. Ann Arbor: Institute for Social Research.
- ROBINSON, J.P. e SCHAVER, P.R. (1969). *Measures of Social Psychological Attitudes*. Ann Arbor: Institute for Social Research.
- ROBINSON, J.P. e SCHAVER, P.R. (1973). *Measures of Social Psychological*

*Attitudes, Revised Edition.* Ann Arbor: Institute for Social Research.

RODRIGUES, A. (1981). *Psicologia Social*. Petrópolis: Vozes.

ROSENBERG, M.J. (1960). Cognitive Reorganization in Response to the Hypnotic Reversal of Attitudinal Affect. *Journal of Personality*, 28, 39-63.

SILVEIRA, F.L. e GASPARIAN, J.C. (1984). Medida da Atitude em Relação à Disciplina de Laboratório de Física Geral. *Educação e Seleção*, 9: 65-70.

SOUZA, S.J. (1981). Pré-escola: em busca de suas funções. *Cadernos de Psicologia*, 48: 74-76.

THURSTONE, L.L. (1928). Attitudes can be measured. *American Journal of Psychology*, 33: 529-554.

TRIANDIS, H.C. (1971). *Attitudes and Attitude Change*. New York: Wiley.

WICKER, A.W. (1969). Attitude versus action: The relationships of verbal and overt behavioral responses to attitude objects. *Journal of Social Issues*, 25: 41-78.